

# ABORDAGEM DIACRÔNICA DO TEXTO: ESTUDO DE CASO E REFLEXÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS

**Eduardo Penhavel\***

 <https://orcid.org/0000-0003-0718-1142>

**Isa Caroline Aguiar Zanin\*\***

 <https://orcid.org/0000-0002-5785-7633>

**Como citar este artigo:** PENHAVEL, E.; ZANIN, I. C. A. Abordagem diacrônica do texto: estudo de caso e reflexões teórico-analíticas. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 1-20, maio/ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD017098>.

**Submissão:** 16 de maio de 2024. **Aceite:** 16 de julho de 2024.

**Resumo:** Inserido na abordagem diacrônica do texto, este artigo compara cartas de redator paulistas do século XIX e editoriais paulistas publicados do século XIX ao XXI, focando elementos do processo de organização tópica, com base na hipótese de que tais cartas fariam parte das origens do editorial. Os resultados reforçam a hipótese e a especificam em relação aos elementos tópicos analisados. São também elaboradas reflexões teórico-analíticas sobre a orientação qualitativa da abordagem.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Processos de construção textual. Organização tópica. Diacronia do texto. Coesão textual.

\* Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: [eduardo.penhavel@unesp.br](mailto:eduardo.penhavel@unesp.br)

\*\* Grupo de pesquisa Estudos sobre Interdiscursividade e Construção de Textos (InterTextos), Unesp, São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: [isa.zanin@unesp.br](mailto:isa.zanin@unesp.br)

## INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990, vem sendo desenvolvido no Brasil o *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), empreendimento coletivo de investigação linguística que reúne um conjunto de frentes regionais de pesquisa, como é o caso do *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP) (Castilho, 2018). No contexto desses dois projetos, formulou-se uma abordagem nova, especializada no estudo diacrônico de processos de construção de textos, a qual vem sendo chamada sinteticamente de *abordagem diacrônica do texto* (ADT).

No âmbito do presente número da revista *Todas as Letras*, que trata do tema *abordagens teórico-analíticas do texto*, o objetivo geral deste artigo é apresentar resultados de estudo de caso realizado no interior de *uma abordagem particular*, a ADT, de modo a colaborar para a compreensão do fenômeno tratado no estudo e, complementarmente, para a reflexão sobre o próprio arcabouço conceitual e metodológico da ADT, o que, em última instância, representa uma forma de contribuir para a reflexão, proposta pela revista, sobre abordagens teórico-analíticas do texto.

Um dos princípios centrais da ADT é o de que a diacronia dos processos de construção de textos deve ser entendida e investigada como parte da história dos gêneros textuais. Assim guiados, analisamos aqui como o processo de organização tópica desenvolve-se diacronicamente no gênero editorial jornalístico, particularmente em editoriais de jornais paulistas. Focalizamos o que iremos considerar como uma fase inicial do percurso histórico dos editoriais. Assumindo, com base em Gomes (2007), a hipótese de que o atual editorial jornalístico teria se originado (entre outras fontes) de cartas de redator do século XIX, comparamos cartas oitocentistas com editoriais publicados do século XIX ao XXI e, a partir desse cotejo, procuramos identificar como a carta oitocentista teria contribuído para a trajetória histórica do editorial, no que tange à organização tópica. Mais precisamente, a análise incide sobre dois elementos do funcionamento da organização tópica: o número de subtópicos mínimos e o número de quadros tópicos por texto.

Nesse sentido, os objetivos específicos do artigo são: 1. mostrar que as cartas e os editoriais apresentam aspectos em comum relativamente aos dois elementos em questão da organização tópica – para nós, a constatação de aspectos tópicos compartilhados (similaridades) entre as cartas e os editoriais permite cogitar que os editoriais, em alguma medida, teriam adquirido esses aspectos por influência de sua ocorrência nas cartas; 2. demonstrar que, em relação aos dois elementos em pauta da organização tópica, é possível identificar compatibilidade quantitativa entre as cartas e os editoriais quando esses textos são pensados como uma continuidade diacrônica (como uma sequência histórica *carta de redator > editorial jornalístico*). O cumprimento dos objetivos definidos não só reforça a hipótese de que a carta integraria a origem do editorial, mas também coopera para especificar como teria ocorrido essa transição. Como reflexão complementar, voltada ao próprio referencial conceitual e metodológico da ADT, o artigo objetiva ainda discutir um aspecto particular da abordagem – cuja relevância ressalta no estudo apresentado –, que é o seu caráter quali-quantitativo.

Na próxima seção, sintetizamos a ADT e, na seção seguinte, apresentamos nosso estudo de caso – ao longo de ambas as seções, incluímos nossas ponde-

rações acerca da referida orientação quali quantitativa da abordagem. Na sequência, encontram-se as considerações finais.

## FUNDAMENTOS DA ABORDAGEM DIACRÔNICA DO TEXTO

A ADT assenta-se principalmente no quadro teórico-metodológico da perspectiva textual-interativa – PTI (Jubran; Koch, 2006; Jubran, 2006a, 2006b, 2007), ramo da linguística textual (Beaugrande; Dressler, 1981; Fávero; Koch, 1983; Koch, 2004) voltado para a investigação *sincrônica* da construção do texto. Mais especificamente, a PTI caracteriza-se por estudar processos de construção textual, tais como organização tópica, referenciação, repetição, parafraseamento, parentização, uso de marcadores discursivos, entre outros.

De acordo com Jubran (2006a, 2007), a PTI fundamenta-se na concepção de que as línguas humanas e, concretamente, os textos constituem uma forma de interação social, de realização de ações no mundo – visão que vem a se filiar, de forma ora mais ora menos direta, ao paradigma dialógico da linguagem (Bakhtin, 2003). Com base nessa concepção basilar de língua/texto, a PTI estuda a construção textual, focando a estruturação do texto (formulação e organização globais de conteúdo informacional) e seu processamento interacional. A teoria estabelece uma série de pressupostos, dos quais convém aqui ressaltar os seguintes: 1. os processos textuais têm seu funcionamento definido, por completo, no uso, o que significa que a análise desses processos depende sempre do contexto específico em que ocorrem; 2. os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística, de modo que a PTI analisa, de maneira integrada, o plano da estruturação do texto e o plano de seu processamento interacional, considerando que todo processo opera, ao mesmo tempo, em ambos os planos; 3. a atuação de um processo na estruturação do texto e sua atuação no plano interativo, embora sempre coocorram, normalmente mantêm entre si uma relação inversamente proporcional, pela qual quanto mais o processo focaliza um plano, mais decresce sua atuação no outro, e vice-versa; 4. o funcionamento dos processos textuais caracteriza-se por regras não de natureza determinística (restrições), mas de natureza probabilística (tendências de uso), pressuposto, aliás, que estará na base da orientação quali quantitativa da ADT.

A ADT (Penhavel; Cintra, 2022) incorpora todo o conjunto de pressupostos da PTI e o amplia com princípios projetados para a análise *diacrônica* dos processos textuais<sup>1</sup>. Nessa ampliação, duas premissas são fundamentais. A primeira refere-se à noção de *implementação* dos processos. É a premissa de que cada processo caracteriza-se por certas propriedades definidoras gerais, as quais são implementadas (materializadas) de formas particulares a cada emprego concreto do processo em um texto empírico. Trata-se do entendimento de que, acerca do funcionamento dos processos textuais, devem-se distinguir, por um lado, propriedades abstratas definidoras dos processos e, por outro, as formas concretas e singulares de atualização, de *uso*, dos processos na construção de textos reais<sup>2</sup>. Nesse sentido, a ADT assume que, em relação a esses processos, o

1 Além de firmar-se na PTI, fundamentação focalizada neste artigo, a ADT apoia-se, de modo complementar, em conceitos do modelo de tradições discursivas (Kabatek, 2006); a esse respeito, ver Penhavel e Cintra (2022).

2 Como ilustração, Penhavel e Cintra (2022) citam o caso da organização tópica (tratada adiante), que se define, entre outros aspectos, pela propriedade de hierarquização, segundo a qual um texto se organiza em uma rede de tópicos hierarquicamente inter-relacionados. Como destacam os autores, as regras de hierarquização são comuns a quaisquer textos, mas a quantidade de tópicos, de níveis hierárquicos e de outros aspectos varia de um texto a outro.

que está sujeito à variação diacrônica não são suas propriedades definidoras (que são fixas, igualmente aplicáveis a textos de qualquer época), mas seus usos.

A segunda premissa diz respeito ao vínculo que os processos de construção de textos mantêm com os *gêneros textuais*. Tal premissa, que deriva da concepção de língua/texto como interação social, como forma de realização de ações, consiste na assunção de que, a cada texto empírico, os processos textuais são implementados conforme a ação realizada por esse texto, sendo o *gênero textual* a instância que estabelece a ação realizada pelo texto; para a ADT, a ação típica de um gênero é o que normalmente é tratado como a finalidade sociocomunicativa do gênero<sup>3</sup>. Mais especificamente, a abordagem considera que cada gênero prevê, para cada processo, um padrão de uso, atrelado à finalidade do gênero. É nesse sentido que a ADT entende que o uso dos processos está vinculado aos gêneros, de tal forma que esse uso, ao longo do tempo, fica sujeito a alterações, em função de mudanças que venham a ocorrer nos gêneros<sup>4</sup>.

Tendo em vista especialmente essas duas premissas, entre outras (cf. Penhavel; Cintra, 2022), a ADT define seu princípio teórico-metodológico nuclear: a diacronia dos usos dos processos textuais é parte da história dos *gêneros*, de modo que o estudo diacrônico de um dado processo deve ser sempre circunscrito à esfera da história de determinado gênero.

A noção de gênero da abordagem é a que se encontra em Koch (2002) e Marcuschi (2002, 2008), a qual é amplamente ancorada em Bakhtin (2003). Trata-se da noção de que os gêneros são espécies de texto relativamente estáveis, caracterizadas por conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e finalidade, esta última tomada como propriedade central de um gênero, em torno da qual os demais aspectos se configuram. Em particular, a ADT ressalta, a partir de Marcuschi (2002, 2008), que os gêneros são práticas históricas, ligadas a necessidades sociais dos falantes, sendo manifestações discursivas dinâmicas, com estabilidade relativa. Junto com Koch (2002), a abordagem entende que os gêneros, como outros produtos sociais, estão sujeitos a alterações, devido não somente a transformações sociais, mas também a novos procedimentos verbais que vão surgindo. Assim, para o modelo da ADT, a diacronia do uso de um processo, num dado gênero, é parte do fenômeno natural de variação histórica desse gênero.

Na ADT, em linha com o quadro teórico assumido, a operacionalização completa de uma pesquisa envolve, numa primeira etapa, escolher um processo textual, um gênero e amostras desse gênero (*corpus*) representativas de duas ou mais sincronias. Numa segunda etapa, o processo deve ser analisado, em cada amostra, conforme o seguinte roteiro: (a) identificar as ocorrências do processo e apurar sua frequência de uso; (b) descrever as diferentes configurações formais do processo e as respectivas frequências; (c) descrever as diferentes funções do processo e suas frequências. A terceira etapa é comparar os resultados de uma sincronia com os de outra(s), procedimento que indicará a trajetória diacrônica do processo no gênero em pauta, mostrando estabilidades e/ou mudanças

3 Por exemplo, no gênero receita culinária, a ação/finalidade é explicar o preparo de um prato; a ação/finalidade de um editorial é expor e defender a posição do jornal sobre determinado assunto de interesse político no momento.

4 Sobre a noção de padrão de uso dos processos, a visão da ADT é a de que, embora cada uso de um processo, em um dado texto, seja sempre um fato singular, uma forma única de atualização das propriedades definidoras do processo, cada gênero estabelece um padrão de uso para cada processo. Trata-se de padrões entendidos como parte da estrutura composicional do gênero e que estão diretamente ligados à finalidade do gênero.

de uso. A quarta e última etapa consiste em levantar possíveis correlações entre a diacronia do processo e a história mais ampla do gênero que possam ajudar a explicar a trajetória descrita<sup>5</sup>.

Como esclarecem os autores, pesquisas feitas nesses moldes constituem estudos de caso, cada um dedicado a descrever uma trajetória diacrônica, isto é, o percurso de um processo, em um gênero, ao longo de um dado período. São estudos que colaboram para dar a conhecer o desenvolvimento dos processos em uma língua, a história dos gêneros praticados nessa língua e a própria história da língua, sendo a realização desse tipo de pesquisa um primeiro objetivo da abordagem. Além disso, a ADT visa comparar estudos de caso, a fim de identificar similaridades entre diferentes trajetos diacrônicos descritos, as quais possam representar tendências gerais do comportamento diacrônico dos processos textuais, o que significa, em cômputo final, refletir sobre princípios gerais do funcionamento das línguas.

Como se pode notar nos itens (a), (b) e (c), a ADT pressupõe análise qualitativa de dados, mediante identificação das ocorrências dos processos em *corpus* e mediante descrição de suas diferentes formas e funções, tipo de análise naturalmente esperável, em se tratando de investigação de fenômenos textuais. Mas na ADT, como também indicam aqueles itens, é ainda crucial a análise quantitativa, pela verificação da frequência de uso dos processos e da frequência de suas diferentes configurações formais e de suas diferentes funções.

Em particular, o correlato quantitativo da abordagem emerge do pressuposto da PTI (anteriormente sintetizado) de que os processos textuais são guiados não por regras determinísticas (restrições), mas por regras probabilísticas (tendências de uso). Regras do primeiro tipo podem ser encontradas, por exemplo, num domínio linguístico como o da morfossintaxe – ver, entre outros, Hengeveld e Mackenzie (2008). O encadeamento de morfemas para a formação de palavras de dada classe segue sempre uma mesma ordenação sequencial. Em uma língua nominativo-acusativa, as sentenças são construídas categoricamente segundo esse padrão, não se verificando, por exemplo, alternância entre esse tipo de construção e sentenças de padrão ergativo-absolutivo. Violações dessas regras constituem exceções.

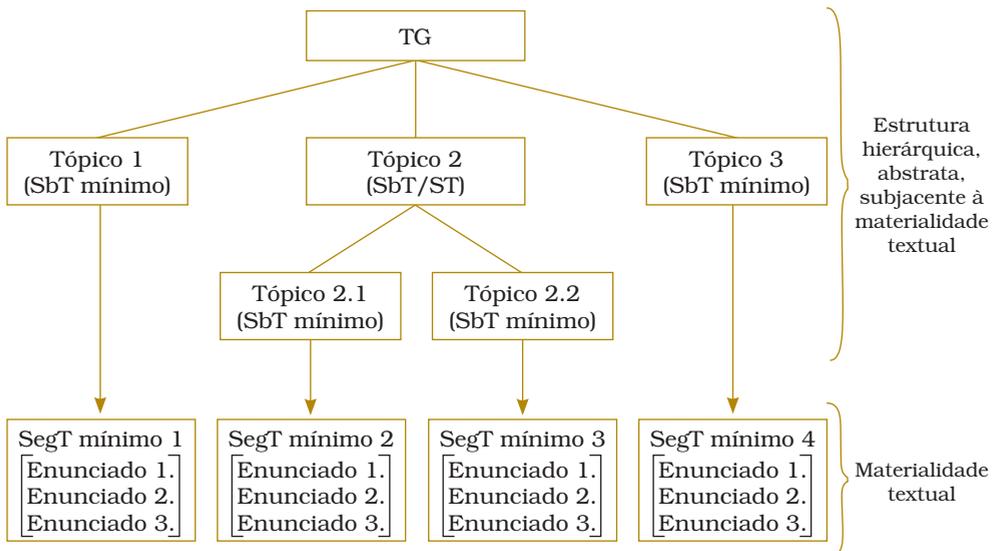
No domínio do texto, os processos implementam-se segundo uma outra sistemática. Numa conversação espontânea, é comum que respostas a perguntas comecem com algum marcador discursivo, como *olha* ou *veja bem*, mas não necessariamente (Risso, 2006). Em artigos de opinião, cada texto desenvolve, normalmente, entre três e cinco tópicos, mas se observam exemplares com seis, sete, oito, nove tópicos (Hanisch, 2019). Ou seja, por um lado, em um gênero, um processo textual pode implementar-se de muitas formas qualitativamente diferentes. Por outro, apesar dessa diversidade potencial, comumente a maioria das ocorrências do processo manifesta-se conforme um grupo menor de opções, isto é, conforme um padrão de emprego do processo no gênero, conforme regras gerais, tendências de uso. Para a ADT, uma análise textual completa deve captar não só a variedade de possibilidades de elaboração textual, mas também aquilo que é mais típico dos diferentes gêneros, das diferentes circunstâncias de enunciação. A ADT procura apreender essa natureza probabilística dos fenômenos

5 O item (a) da segunda etapa não se aplica à organização tópica, processo presente em qualquer texto, sendo o item válido, de todo modo, para os demais processos textuais reconhecidos na PTI e na ADT.

textuais, o que faz mediante análise quantitativa, com apuração de frequência de uso.

Utilizando recursos analíticos qualitativos e quantitativos de forma complementar, a ADT vem a se alinhar à orientação de unir os dois tipos de recurso, orientação que, segundo Bentes, Palumbo e Aquino (2021), pode ser detectada mais recentemente no campo dos estudos do texto e do discurso. A próxima seção deve evidenciar e especificar o caráter quali quantitativo da ADT, explicitando, inclusive, a relevância desse tipo de metodologia para o estudo diacrônico do texto, seção que irá tratar, como mencionado, do processo de organização tópica<sup>6</sup>.

Segundo Jubran *et al.* (2002) e Jubran (2006c), a organização tópica constitui o processo nuclear de construção de textos – ver Pinheiro (2005) para avaliação e aplicação pormenorizadas do conceito de tópico. É o processo de estruturação de um texto em partes e subpartes, no que diz respeito aos tópicos (temas, assuntos) desenvolvidos no texto. Como têm considerado diversas pesquisas (por exemplo, Garcia, 2018), a organização tópica pode ser implementada, na construção de um texto, de duas maneiras elementares: um texto pode abordar um único tópico, o que lhe confere o traço de *unicidade tópica*, ou pode abordar dois ou mais tópicos, o que caracteriza o traço de *complexidade intertópica*. A Figura 1 ilustra a organização tópica de um texto hipotético que exibiria o segundo traço.



**Figura 1** – Organização tópica de texto hipotético com complexidade intertópica

Quando apresenta complexidade intertópica, um texto desenvolve, em toda a sua extensão, um mesmo tópico mais geral, chamado de *tópico global* (TG). O texto estará estruturado em duas ou mais partes, e cada uma vai centrar-se em um tópico mais específico, que constituirá um *subtópico* (SbT) do TG (no caso da

<sup>6</sup> Para uma contextualização mais ampla do uso das metodologias qualitativa e quantitativa, ver Marcusch (2001).

Figura 1, os tópicos 1, 2 e 3). Cada um desses SbTs pode ser desenvolvido no texto por meio da abordagem de dois ou mais tópicos ainda mais específicos, seus próprios SbTs (como ocorre com o tópico 2 da figura, o qual abrange os tópicos 2.1 e 2.2), e assim por diante, formando uma estrutura hierárquica, abstrata, subjacente à materialidade textual. Quando um tópico se subdivide em dois ou mais, ele é também tratado como um *supertópico* (ST) (na figura, têm esse estatuto o próprio TG, que funciona como um ST máximo do texto, e o tópico 2). Assim, os estatutos de ST e SbT são relacionais, dependendo do nível de análise (o tópico 2 é SbT do TG e, ao mesmo tempo, é ST dos tópicos 2.1 e 2.2). Os SbTs mais específicos de uma hierarquização (que não contêm seus próprios SbTs) são rotulados de *SbTs mínimos* (noção que, na figura, aplica-se aos tópicos 1, 2.1, 2.2 e 3). A PTI distingue também a noção de *quadro tópico* (QT), que se refere ao domínio de organização hierárquica formado por um ST e seus respectivos SbTs. Na Figura 1, instauram-se dois QTs: o primeiro é formado pelo TG e seus três SbTs (e corresponde ao próprio texto inteiro); o segundo QT é composto pelo tópico 2 (em sua condição de ST) e seus dois SbTs.

Na materialidade textual, cada tópico de uma hierarquia – o mesmo sendo válido para o único tópico de um texto que contenha o traço de unicidade tópica – é desenvolvido por um agrupamento de enunciados, o *segmento tópico* (SegT). Os SegTs que concretizam os SbTs mínimos são chamados de *SegTs mínimos*. Assim, a materialidade de um texto, em caso de complexidade intertópica, é formada por um sequenciamento de SegTs mínimos. Quando se trata de texto com unicidade tópica, o próprio texto inteiro equivale a um único SegT mínimo.

A elaboração de SegTs caracteriza-se pela propriedade da *centração tópica*. Com base em Jubran (2006c), a centração pode ser definida como a materialização de um tópico em um texto, mediante a construção de um conjunto de enunciados concernentes entre si e que focalizam esse tópico em um dado ponto do texto, o que envolve três traços: *concernência*, a construção de um conjunto de enunciados interdependentes semanticamente, em torno de um tópico (enunciados voltados para um mesmo campo conceitual); *relevância*, a organização desse conjunto de modo a focalizar tal tópico; *pontualização*, a reunião desses enunciados em um mesmo momento do texto (Jubran, 2006c).

Como ilustração, observe-se o editorial em (1), discutido em Penhavel (2022) (trabalho cujos resultados serão utilizados na análise de dados adiante):

- (1) [TG: *Irrelevância da nota de protesto argentina sobre o fechamento das comportas da usina de Ilha Solteira*]

[SbT mínimo 1: *Necessidade de considerações sobre o protesto, apesar de sua irrelevância* → SegT mínimo 1:]<sup>7</sup>

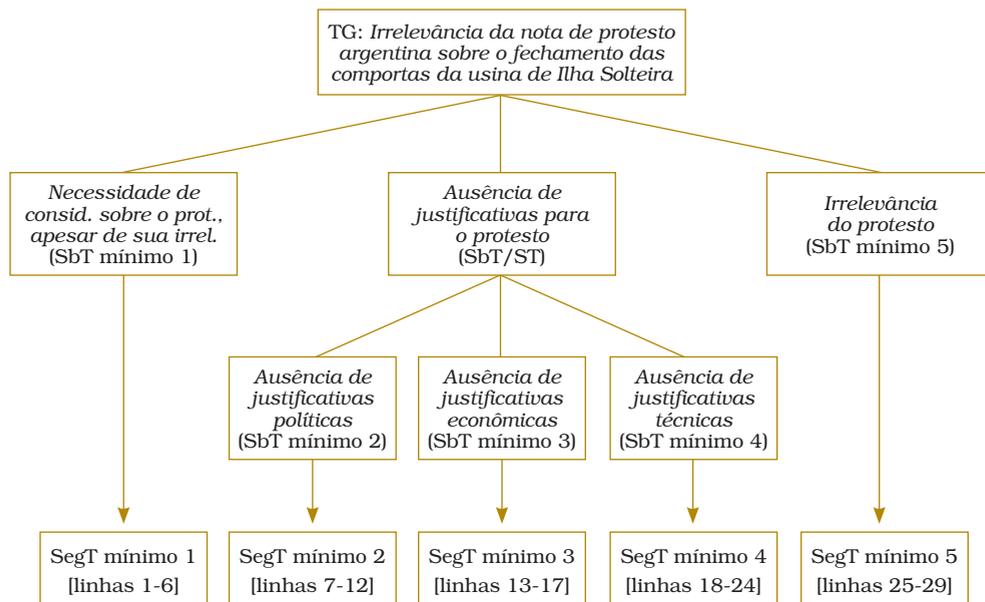
O governo brasileiro respondeu, com grande serenidade, à nota do representante da Argentina na comissão que reúne os países integrantes da Bacia do Prata, em que se protestava contra o fechamento das comportas de Ilha Solteira, a que se teria procedido sem previa comunicação oficial àquele país. [...]. Desta forma, a nota de Buenos Aires deixa de ter maior significado [...]. **O assunto merece, porém, algumas considerações, dado o amplo noticiário a que deu origem [...].**

<sup>7</sup> Esse tipo de notação pode ser lido da seguinte forma: o SbT mínimo 1, intitulado *Necessidade de considerações sobre o protesto, apesar de sua irrelevância*, é desenvolvido, na materialidade textual, pelo SegT mínimo 1, formado pelo seguinte conjunto de enunciados (o fragmento nas linhas 1-6).

[SbT mínimo 2: <i>Ausência de justificativas políticas para o protesto</i> → SegT mínimo 2:]	
A questão de Ilha Solteira pode ser considerada sob três aspectos: o político, o econômico e o técnico. Do <b>ponto de vista político</b> , as interpretações [...] apresentadas [...] procuram explicar a nota argentina pelo desejo, do <b>presidente Lanusse</b> , de arrebatar a Câmpera a oportunidade de assumir uma <b>posição pretensamente nacionalista</b> [...]. Não acreditamos, entretanto, que isto explique a <b>posição do representante argentino</b> [...]. Com efeito, se fosse essa sua intenção, o <b>presidente Lanusse</b> [...] teria escolhido outro <b>canal diplomático</b> [...].	7 8 9 10 11 12
[SbT mínimo 3: <i>Ausência de justificativas econômicas para o protesto</i> → SegT mínimo 3:]	
Por outro lado, a nota perdeu expressão do <b>ponto de vista prático</b> , uma vez que nem a Argentina, nem qualquer outro governo poderá insurgir-se contra uma usina que já está concluída. A formação do reservatório é só o passo final para que [...] os primeiros geradores, já instalados, comecem a produzir energia. Além disso, trata-se de um <b>empreendimento da ordem de 1 bilhão de dólares</b> , ao qual se acrescentam mais <b>400 milhões</b> [...].	13 14 15 16 17
[SbT mínimo 4: <i>Ausência de justificativas técnicas para o protesto</i> → SegT mínimo 4:]	
Por fim, do <b>ponto de vista técnico</b> , escassejam também argumentos que possam justificar uma crítica àquela obra, e isso por duas razões: 1 – A Ilha Solteira localiza-se a <b>montante do reservatório da usina de Jupia</b> . Por conseguinte, é este reservatório, e não o de Ilha Solteira, que <b>regula a vazão do rio Paraná em seu curso rumo ao território argentino</b> . [...] 2 – A Argentina só tirará benefícios da regularização do rio Paraná, proporcionada pelas represas de Ilha Solteira e Jupia [...], pois <b>não mais haverá descontrolados períodos de grandes cheias e secas</b> , peculiares àquele rio [...].	18 19 20 21 22 23 24
[SbT mínimo 5: <i>Irrelevância do protesto</i> → SegT mínimo 5:]	
A nota de protesto do delegado argentino à Comissão da Bacia do Prata, a resposta do Brasil, a formação da represa de Ilha Solteira [...], são, por conseguinte, <b>fatos consumados que não exigem maior cuidado ou atenção</b> dos técnicos e diplomatas responsáveis, tal a <b>irrelevância do protesto</b> e a <b>inutilidade do debate</b> em torno de um <b>problema que não existe</b> [...]. ( <i>O Estado de S. Paulo</i> , 04/04/1973; Penhavel, 2022, p. 75-76; grifos nossos).	25 26 27 28 29

De acordo com o autor, o editorial em (1) desenvolve o TG *Irrelevância da nota de protesto argentina sobre o fechamento das comportas da usina de Ilha Solteira*, especificado em cinco SbTs mínimos (sendo, pois, um texto com complexidade intertópica). Na transcrição do exemplo, em cada fragmento que desenvolve um SbT mínimo, destacamos em negrito as passagens que mais claramente são concernentes entre si e que, de modo mais evidente, focalizam o SbT ali em pauta. Por exemplo, as linhas 7-12 tratam do SbT *Ausência de justificativas políticas para o protesto*, o que se pode ver especialmente por expressões como “ponto de vista político”, “presidente Lanusse” e “posição pretensamente nacionalista”. Já o fragmento nas linhas 13-17 centra-se no SbT *Ausência de justificativas econômicas para o protesto*, o que fica explicitado em trechos como “ponto de vista prático [econômico]”, “empreendimento da ordem de 1 bilhão de dólares”, “400 milhões”.

Ainda segundo o autor, esse editorial organiza-se em dois QTs, como se vê na Figura 2.



**Figura 2** – Organização tópica de editorial com complexidade intertópica

O primeiro QT (QT 1) é formado pelo TG e três SbTs seus: o SbT mínimo 1; um SbT (não mínimo) que reúne os SbTs mínimos 2, 3 e 4, rotulado de *Ausência de justificativas para o protesto*; o SbT mínimo 5. O segundo QT (QT 2) é composto pelos SbTs mínimos 2, 3 e 4 e pelo tópico mais amplo comum a eles. Para o autor, o texto realmente válida, em sua materialidade, o reconhecimento do QT 2. Entre outros fatores, todo o excerto analisado como sendo relativo ao QT 2 (linhas 7-24) elabora uma abordagem específica acerca do protesto (com argumentos de áreas particulares), enquanto o fragmento anterior (linhas 1-6) e o posterior (linhas 25-29) contêm abordagens genéricas sobre o protesto. Ademais, o excerto atribuído ao QT 2 inicia-se com um enunciado que, de fato, abrange todo o excerto, conferindo-lhe unidade tópica: “A questão de Ilha Solteira pode ser considerada sob três aspectos: o político, o econômico e o técnico”. São elementos linguístico-textuais como esses que, numa análise tópica, habilitam a distinção de mais de um QT em um texto.

A discussão a seguir envolverá dois aspectos tópicos ilustrados pelo editorial em (1): as quantidades de SbTs mínimos e de QTs por texto.

## **ESTUDO DA TRAJETÓRIA CARTA DE REDATOR > EDITORIAL JORNALÍSTICO E REFLEXÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS**

Conforme definido anteriormente, analisamos, neste artigo, como cartas de redator do século XIX teriam contribuído para o desenvolvimento do atual editorial jornalístico, em termos de organização tópica, na esfera de jornais paulistas. A hipótese pela qual tais cartas teriam contribuído para a constituição do editorial é adotada em Gomes (2007), que examina a história de editoriais do

estado de Pernambuco. A partir da autora, assumimos a hipótese para o cenário paulista<sup>8</sup>.

Gomes (2007) considera que, no século XIX, figurava, na imprensa brasileira, um rol de tipos de texto denominados de formas diversas, mas todos representando uma mesma categoria, o *editorial*, entendido como uma classe mais geral de textos (sem a especificação *editorial jornalístico*). Esse grupo de textos, componentes do que a autora chama de *espaço variacional do século XIX*, inclui textos como o artigo editorial, o artigo comunicado e a *carta de redator*. O espaço variacional oitocentista teria dado origem, ao longo do século XX e até o século XXI, a uma variedade de textos também reconhecíveis como integrantes da classe geral do editorial, componentes do *espaço variacional atual*, no qual se acham, entre outros, o editorial de revista, o editorial de apresentação e o *editorial jornalístico*. É nesse contexto que se situa a trajetória *carta de redator > editorial jornalístico*<sup>9</sup>.

A fim de analisar essa trajetória, comparamos aqui a organização tópica de um conjunto de cartas oitocentistas com o percurso diacrônico da organização tópica de editoriais jornalísticos, considerando um percurso estendido do século XIX ao XXI. Utilizamos dados de dois trabalhos sobre organização tópica, anteriormente elaborados, a saber, Penhavel (2022), que descreve a diacronia de editoriais, e Zanin (2018), que trata de cartas de redator do século XIX; a esses dados acrescentamos aqui resultados de nova pesquisa por nós realizada, na qual investigamos um conjunto complementar de cartas oitocentistas.

Penhavel (2022) compara editoriais de quatro sincronias: segunda metade do século XIX, primeira e segunda metades do século XX e início do XXI, períodos que iremos tratar como 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1. O material de cada período foi levantado no âmbito do PHPB/PHPP. As amostras das três primeiras sincronias são formadas por editoriais do jornal *O Estado de S. Paulo*, do seguinte modo: 24 exemplares publicados entre 1875 e 1886; 24 textos distribuídos de 1923 a 1928; 24 produções de 1973 a 1978. A amostra 21-1 inclui 15 editoriais d’*O Estado de S. Paulo* e dez da *Folha de S. Paulo*, publicados em 2016<sup>10</sup>. O trabalho de Zanin (2018) e nossa nova pesquisa usam o *corpus* de cartas de redator oitocentistas do PHPB/PHPP (Barbosa; Lopes, 2002), formado por um conjunto de 118 cartas, veiculadas de 1827 a 1900 nos principais jornais paulistas de então, tais como *Correio Paulistano* e *Farol Paulistano*. Do total de 118 cartas, 81 são analisadas em Zanin (2018), e as 37 restantes foram avaliadas em nossa própria pesquisa<sup>11</sup>. Por conter exemplares da primeira e da segunda metade do século XIX, a amostra inteira de cartas será aqui tomada como representante de uma

8 Também Sales (2011) assume a mesma hipótese, aplicando-a ao estudo de editoriais cariocas.

9 Nossa compreensão, a partir de Gomes (2007), é a de que cada modalidade de texto do espaço variacional do século XIX teria concorrido para a constituição de diferentes espécies de texto do espaço variacional atual, assim como cada espécie atual de texto teria sido herdeira de diferentes variedades de texto daquele século, instaurando-se, entre um espaço variacional e outro, diversas rotas de evolução textual. Assim, a trajetória *carta de redator > editorial jornalístico* constitui “somente” uma rota de formação do editorial jornalístico, embora, com base em Gomes (2007) e Sales (2011), seja plausível tomá-la como uma das mais importantes, já que ambas as autoras reconhecem a carta de redator oitocentista, de fato, como a principal fonte desse tipo de editorial.

10 Em Penhavel (2022) constam pormenores sobre as amostras de editoriais examinadas pelo autor.

11 O *corpus* inteiro de cartas de redator oitocentistas do PHPB/PHPP pode ser conferido em Barbosa e Lopes (2002). As 81 cartas de Zanin (2018) estão discriminadas e analisadas no trabalho da autora, tendo sido escolhidas (do total de 118) por seguirem um mesmo padrão de organização intratópica (nível de análise não abordado no presente artigo). Os 37 exemplares restantes e por nós investigados são aqueles que, em Barbosa e Lopes (2002), são identificados pelos seguintes números: 398, 401, 402, 406, 408, 414, 415, 420, 423, 426, 430, 431, 432, 433, 434, 437, 479, 488, 494, 495, 496, 497, 500, 501, 503, 506, 531, 533, 534, 535, 536, 537, 539, 545, 549, 565, 567.

sincronia rotulada de 19-1/2. Assim, o espaço temporal completo em estudo abrange os períodos 19-1/2 > 19-2 > 20-1 > 20-2 > 21-1.

Trata-se de amostras que propiciam uma combinação de datas condizente com o objetivo de estudar a trajetória *carta de redator > editorial*. O espaço de publicação das cartas consideradas vai de 1827 a 1900, e o percurso de editoriais observado começa nesse intervalo, em 1875 – inclusive, o jornal *O Estado de S. Paulo* (principal fonte da amostra de editoriais) é fundado em 1875 (Pillagallo, 2012). Assim, é realmente adequado assumir o *corpus* de cartas como representativo do contexto em que se origina o percurso de editoriais em questão.

No que diz respeito, então, ao primeiro elemento da organização tópica a ser aqui discutido, o número de SbTs mínimos por texto, Penhavel (2022) demonstra a existência, em seu material, de editoriais com um, dois, três, quatro e cinco SbTs mínimos. O editorial em (1) ilustrou esta última opção. Zanin (2018), por sua vez, defende que, em sua amostra, cada carta aborda um único SbT mínimo, como exemplifica a missiva em (2):

- (2) Pedimos aos nossos benignos leitores desculpa de **algumas incorrecções que tem apparecido** 1  
**nesta folha**. D'ora em diante haverá todo cuidado em **corrigir** os artigos que tiverem de ser 2  
publicados. Uma folha diaria, como a nossa, accarreta immenso trabalho em seu começo, e para 3  
superal- o escapão  **muitas imperfeições**, que só o habito e o tempo as irá fazendo desaparecer. 4  
(*Correio Paulistano*, 07/07/1854; Zanin, 2018, p. 71; grifos nossos).

Segundo a autora, toda a carta em (2) centra-se no tópico *Incorrecções que têm apparecido no jornal*: ainda no começo (linhas 1-2), o redator desculpa-se *pelas incorrecções*; na sequência (linhas 2-3), compromete-se com *a correção* de próximos artigos a serem publicados; mais ao final (linhas 3-4), avalia a existência *de incorrecções* no jornal. Os trechos destacados são os que melhor evidenciam a centração no referido tópico ao longo de toda a missiva.

Em nossa pesquisa, detectamos que a maioria das cartas (24, do total de 37) manifesta unicidade tópica – mesmo traço apurado em Zanin (2018). Porém, encontramos um grupo considerável de textos (13 exemplares) que exibem complexidade intertópica, desenvolvendo dois, três ou quatro SbTs mínimos. A carta em (3), por exemplo, aborda três SbTs mínimos:

- (3) [Tópico Global: *Perspectivas positivas sobre o desenvolvimento da Província de São Paulo para o novo ano*]

[SbT mínimo 1: *Perspectivas positivas sobre o ano que começa* → SegT mínimo 1:]

O ANO DE 1856 || **Bem vindo seja o anno que hoje começa!**.. Preza a deos que **a lisongeira** 1  
**prespectiva com que o encaramos** se torne uma realidade, e que livres e desassombrados 2  
caminhemos com passo firme para a realização **das esperanças que hoje concebemos**. || 3  
Poupados como esperamos da bandade Providencial, por esse terrivel hospede denominado – 4  
cholera-morbus – **o anno que hoje encetamos se nos apresenta sob a mais lisongeira** 5  
**influencia** para o desenvolvimento das forças vitaes desta provincia. || 6

[SbT mínimo 2: *Perspectivas positivas sobre a criação da Caixa Filial* → SegT mínimo 2:]

**O estabellecimento da caixa filial do banco** imprimido um novo e poderoso impulso à 7  
lavoura vai tiral-a desse estado estacionario em que definha, [...], influir poderosamente sobre 8  
o commercio, e em geral sobre todos os generos de industria. || **Um estabelecimento de** 9  
**credito**, a cuja testa se achão como garantia homens de fortuna, que tem prestado seus exforços 10  
pela prosperidade de seu paiz **não pode deixar de ser muito vantajosos ao futuro** 11  
**desenvolvimento desta provincia** [...]. || Graças pois a todos esses patrioticos cidadãos á cujos 12  
esforços se deve **tal instituição**, [...] que datar de hoje começa **as suas operações**. || 13

[SbT mínimo 3: *Perspectivas positivas sobre a atuação do próprio jornal* → SegT mínimo 3:]

É pois com tão felizes auspícios que começa o anno de 1856, e o *Correio Paulistano* [...] não 14  
póde deixar de [...] assegurar que **se exforçará quanto fôr possível por acompanhar a faze 15**  
**de progresso em que vamos entrar**, não poupando sacrificio algum para corresponder á sua 16  
missão. Neste proposito acabamos de fazer **acquisição de dous collegas em cujo peito pulsa 17**  
[...] **o amor patrio**; elles nos auxiliarão na gloriosa empreza de **elevantar-nos nossa folha á um 18**  
**grão de progresso compativel com o futuro que se nos antolha**. || Assim pois a par da 19  
discussão [...] sobre os melhoramentos de nossa terra, [...] encontrarão sempre os leitores o 20  
extracto fiel [...] de todos os acontecimentos [...] que constituem uma das mais importantes 21  
missões da imprensa – isto é, a parte noticiosa. (*Correio Paulistano*, 1856; grifos nossos). 22

Segundo nossa análise, a carta centra-se no TG *Perspectivas positivas sobre o desenvolvimento da Província de São Paulo para o novo ano* e discorre acerca da ideia de boas perspectivas de três modos específicos, cada um correspondendo a um SbT mínimo. Num primeiro fragmento (linhas 1-6), a ideia recai sobre o próprio ano que se inicia, o que se nota especialmente pela incidência de expressões pelas quais a noção de boas perspectivas é aplicada justamente ao novo ano, como “a lisongeira prespectiva com que o encaramos” (linhas 1-2), entre outras destacadas na transcrição da carta. Na linha 7, cessam as referências ao novo ano. Daí até a linha 13, o texto centra-se nas boas perspectivas decorrentes da criação da Caixa Filial, o que é evidenciado por diferentes passagens concernentes entre si e que vão colocando em foco essa nova temática, como o enunciado “um estabelecimento de credito [...] não pode deixar de ser muito vantajosos ao futuro desenvolvimento desta provincia”. Por fim, da linha 14 em diante, não mais se verificam menções à Caixa Filial. A carta passa a centrar-se nas boas perspectivas para a província advindas de contribuições do próprio jornal, como explicita, entre outras, a passagem “[o *Correio Paulistano*] se exforçará quanto fôr possível por acompanhar a faze de progresso em que vamos entrar” (linhas 19-20)<sup>12</sup>.

A Tabela 1 reúne dados apurados em Penhavel (2022) e Zanin (2018) e dados levantados em nossa pesquisa, todos acerca do número de SbTs mínimos por texto.

A tabela permite chegar principalmente a duas constatações: a existência de uma característica em comum (uma similaridade) entre as cartas e os editoriais; a existência de compatibilidade entre esses tipos de texto quando eles são pensados como uma continuidade diacrônica (*carta > editorial*). Quanto à primeira constatação, nota-se que as cartas e os editoriais exibem, praticamente, uma mesma diversidade de número de SbTs por texto: os editoriais contêm de um a cinco SbTs por texto, enquanto as cartas apresentam de um a quatro.

A compatibilidade diacrônica entre cartas e editoriais pode ser percebida com base em dois fatos. O primeiro é a ocorrência de unicidade tópica *apenas na primeira* sincronia dos editoriais. Veja-se que os editoriais caracterizam-se amplamente por complexidade intertópica, mas incluem casos de unicidade, restritos à sincronia 19-2, justamente a mais adjacente à sincronia das cartas, na qual *a unicidade* é fortemente predominante. Assim, é plausível pensar a unicidade dos editoriais como um “resquício” de traços das cartas, cenário compatível com a ideia de uma sequência *carta > editorial*.

<sup>12</sup> As 13 cartas que, segundo nossa análise, exibem complexidade intertópica são as discriminadas em Barbosa e Lopes (2002) com os seguintes números: 398, 401, 406, 423, 479, 496, 497, 503, 506, 531, 533, 534, 535.

Texto/ sincronia  SbTs mínimos	Cartas de redator	Editoriais jornalísticos			
	19-1/2	19-2	20-1	20-2	21-1
<b>1 SbT</b>	<b>89% (105/118)</b>	12,5% (3/24)	0% (0/24)	0% (0/24)	0% (0/25)
<b>2 SbTs</b>	<b>8,5% (10/118)</b>	<b>25% (6/24)</b>	0% (0/24)	8,5% (2/24)	28% (7/25)
<b>3 SbTs</b>	1,5% (2/118)	<b>37,5% (9/24)</b>	<b>37,5% (9/24)</b>	12,5% (3/24)	44% (11/25)
<b>4 SbTs</b>	1% (1/118)	21% (5/24)	<b>50% (12/24)</b>	<b>29% (7/24)</b>	28% (7/25)
<b>5 SbTs</b>	0% (0/118)	4% (1/24)	12,5% (3/24)	<b>50% (12/24)</b>	0% (0/25)

**Tabela 1** – Quantidade de SbTs mínimos por texto em cartas de redator e editoriais<sup>13</sup>

O segundo fato manifesta-se na medida em que os editoriais, ao longo das sincronias 19-2, 20-1 e 20-2 (maior parte de seu percurso), exibem uma tendência de aumento de grau de complexidade tópica (que recua somente na sincronia 21-1) e na medida em que as cartas acomodam-se coerentemente a essa tendência. O aumento de complexidade dos editoriais e a respectiva compatibilidade das cartas verificam-se, primeiramente, no que se refere à configuração tópica mais complexa em termos de número de SbTs mínimos por texto. Em 19-2, 20-1 e 20-2, a configuração mais complexa consiste em editorial formado por cinco SbTs. De um a outro desses três períodos, a incidência de tal configuração aumenta continuamente, exibindo, respectivamente, os valores de 4%, 12,5% e 50%. Note-se que as cartas adéquam-se a essa escala ascendente, já que não registram ocorrências com cinco SbTs, isto é, o índice de cartas configuradas em cinco SbTs é de 0%, menor que a taxa de 4% da primeira sincronia de editoriais.

A complexidade dos editoriais aumenta também no que tange às configurações tópicas mais frequentes de cada sincronia, movimento ao qual as cartas novamente se alinham. Em 19-2, a configuração mais frequente é aquela em que o editorial contém *três* SbTs mínimos; em 20-1, a configuração mais frequente exibe *quatro* SbTs; em 20-2, apresenta *cinco* SbTs. Assim, a cada sincronia, a configuração mais frequente tem um SbT a mais do que a configuração mais frequente da sincronia anterior. Examinando a segunda configuração mais frequente de cada sincronia, também se vê um aumento regularmente gradual de complexidade: em 19-2, a segunda estrutura mais usada comporta *dois* SbTs; em 20,1, compreende *três* SbTs; em 20-2, contém *quatro*. Ou seja, tomando, em conjunto, a segunda e a primeira estruturas tópicas mais frequentes de cada sincronia, encontramos editoriais com as seguintes estruturas, em 19-2, 20-1 e 20-2, respectivamente: *dois e três* SbTs; *três e quatro* SbTs; *quatro e cinco* SbTs.

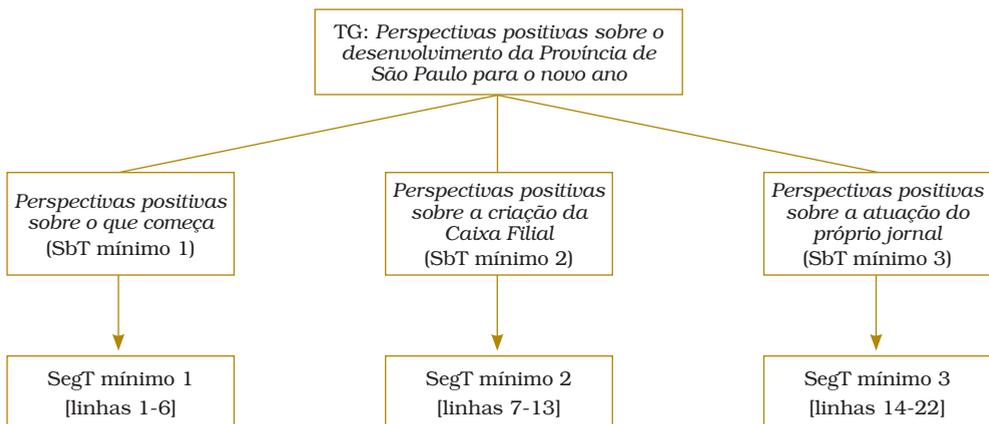
<sup>13</sup> Na Tabela 1, os dados sobre editoriais são extraídos de Penhavel (2022). Os percentuais estão calculados em relação a 24 textos (nas sincronias 19-2, 20-1 e 20-2) e 25 textos (em 21-1), que constituem os totais de exemplares dessas sincronias, conforme explicamos. Os valores sobre as cartas juntam os resultados de Zanin (2018) e de nossa própria pesquisa, trabalhos que, em conjunto, descrevem os 118 exemplares do *corpus* de cartas do PHPB/PHPP. O total de 105 cartas com o traço de unicidade tópica soma as 81 missivas de Zanin (2018), todas avaliadas como tendo esse traço, e os 24 textos também analisados desse modo em nossa pesquisa; as cartas com dois, três e quatro SbTs incluem os 13 textos que encontramos nos quais reconhecemos complexidade intertópica.

Acrescentando ao início dessa “escada” os dados das cartas (conforme destacado em negrito na tabela), mantém-se, em boa medida, o movimento regular de aumento de complexidade, já que, nas cartas, a segunda e a primeira configurações mais frequentes exibem *dois* SbTs e *um* SbT por texto, respectivamente. Um comportamento ainda mais paralelístico com o dos editoriais ocorreria se esses dois dados das cartas fossem inversos: se a segunda configuração mais frequente tivesse *um* SbT e a primeira configuração mais frequente tivesse *dois*. De todo modo, considerando conjuntamente as duas configurações, ainda é possível reconhecer que os dados das cartas encaixam-se, de forma harmoniosa, como uma fase precedente ao início da diacronia dos editoriais.

Em síntese, a similaridade e a compatibilidade constatadas entre as cartas e os editoriais reforçam a hipótese de continuidade diacrônica entre esses textos e contribuem para especificar como uma possível transição entre eles teria ocorrido. Tais constatações sugerem que: a diversidade de número de SbTs por editorial (um a cinco SbTs) poderia ter sido motivada pela diversidade similar vista nas cartas (um a quatro SbTs); da carta ao editorial teria ocorrido, no geral, um aumento de complexidade tópica, com a passagem do predomínio de unicidade nas cartas para a prevalência (e posterior uso exclusivo) de complexidade nos editoriais, podendo, inclusive, a unicidade dos editoriais ter sido uma espécie de resquício das cartas.

No que diz respeito ao segundo elemento da organização tópica aqui avaliado, o número de QTs por texto, os dados são congruentes com o que é atestado em relação ao número de SbTs mínimos, encorparando a ideia da continuidade *carta > editorial*.

A formação de um ou mais QTs em um texto ocorre apenas quando o texto apresenta o traço de complexidade intertópica. Considerando o conjunto de editoriais com complexidade, Penhavel (2022) identifica exemplares com um, dois e três QTs. A título de ilustração, o texto em (1) contém dois QTs, como anteriormente explicado. No caso das cartas, e levando em conta também apenas os exemplares com complexidade, os resultados de Zanin (2018) e de nossa pesquisa revelam apenas textos formados por um QT, configuração que pode ser vista na carta em (3), cuja hierarquização tópica é representada na Figura 3.



**Figura 3** – Organização tópica de carta com um QT

Um texto composto por um único QT é aquele em que todos os SbTs mínimos encontram-se subordinados diretamente ao TG, sem níveis hierárquicos intermediários. No editorial em (1), é possível distinguir um nível intermediário, com a formação de um segundo QT (para além do QT encabeçado pelo TG), pois a materialidade textual justifica essa divisão tópica. Porém, tal condição não se verifica na carta em (3). A missiva legitimaria a distinção de um segundo QT se, por exemplo, o terceiro SbT mínimo (ver Figura 3), em vez de referir-se às perspectivas relativas ao jornal, tratasse de um novo aspecto acerca das perspectivas sobre a Caixa Filial. Tal SbT mínimo e aquele que já aborda a Caixa Filial ficariam subordinados a um mesmo ST, relativo à Caixa Filial, formando mais um QT (além do QT comandado pelo TG). E tal ST, ao lado do primeiro SbT mínimo do texto (Figura 3), estaria subordinado ao TG. Mas não é esse tipo de relação tópica que se verifica na carta em (3). Conforme a análise que formulamos anteriormente, o TG da carta refere-se a perspectivas positivas para São Paulo, e cada SbT mínimo representa um tipo de perspectiva. Assim, os três SbTs ostentam um mesmo grau de especificação tópica em relação ao TG, sendo todos equipolentes entre si em termos de abrangência temática e estando todos igualmente subordinados ao TG, de modo que o texto configura-se em apenas um QT.

A Tabela 2 reúne os dados completos das cartas e dos editoriais sobre o número de QTs por texto, a partir de resultados de Penhavel (2022), de Zanin (2018) e de nossa pesquisa.

Texto/ sincronia	Cartas de redator	Editoriais jornalísticos			
		19-1/2	19-2	20-1	20-2
<b>1 QT</b>	100% (13/13)	81% (17/21)	87,5% (21/24)	79% (19/24)	88% (22/25)
<b>2 QTs</b>	0% (0/13)	19% (4/21)	0% (/24)	21% (5/24)	12% (3/25)
<b>3 QTs</b>	0% (0/13)	0% (0/21)	12,5% (3/24)	0% (0/24)	0% (0/25)

**Tabela 2** – Quantidade de QTs por texto em cartas de redator e editoriais<sup>14</sup>

Com efeito, a tabela sinaliza um comportamento das cartas e dos editoriais convergente com o relatado acerca do número de SbTs mínimos. Novamente pode-se notar significativa similaridade entre os dois tipos de texto: em ambos, prevalece a estrutura tópica formada por um QT, configuração que, nas cartas, é exclusiva e, nos editoriais, é fortemente majoritária, com percentual sempre igual ou superior a 79%. Trata-se, assim, de semelhança que permite cogitar que, na construção de editoriais, a prevalência de textos com um QT poderia ter sido fomentada pela presença da mesma prática na elaboração de cartas. Ainda, a Tabela 2 é condizente com a compatibilidade de encadeamento diacrônico entre

<sup>14</sup> Na Tabela 2, os dados sobre editoriais são novamente retirados de Penhavel (2022). Dessa vez, em cada sincronia, os percentuais estão computados em relação ao total de textos com complexidade intertópica, já que, como mencionado, apenas textos com esse traço formam QTs (em textos com unicidade tópica, a noção de QT não se aplica). Esses totais (como se pode conferir também na Tabela 1) são os seguintes, nas sincronias 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1, respectivamente: 21, 24, 24 e 25 editoriais. Os valores referentes às cartas são definidos com base em Zanin (2018) e em nossa pesquisa. Sendo a formação de QTs válida apenas para textos com complexidade, os valores são calculados em relação ao total de 13 cartas que, em nossa pesquisa, manifestaram esse traço – as demais cartas de nossa investigação e todas as analisadas em Zanin (2018) exibiram unicidade tópica.

cartas e editoriais sugerida pelos dados relativos aos SbTs mínimos, particularmente no que tange ao aumento de complexidade tópica (antes apontado) que pode ser reconhecido na passagem das cartas aos editoriais. Observe-se que a Tabela 2 revela, de fato, movimento em direção a aumento de complexidade: em cada sincronia dos editoriais, além da configuração em um QT (que é exclusiva nas cartas e a mais simples possível em termos de QTs), há sempre outra configuração mais complexa: dois QTs, nas sincronias 19-2, 20-2 e 21-1, e três QTs em 20,1. Portanto, também os resultados relativos ao número de QTs por texto reforçam a hipótese de continuidade diacrônica entre as cartas e os editoriais, especificando como essa transição teria ocorrido em termos de organização tópica.

Como se pode notar, o estudo da sequência diacrônica *carta > editorial* evidencia o emprego integrativo de procedimentos qualitativos e quantitativos que caracteriza a ADT. O estudo usa o primeiro tipo de estratégia para detectar os diferentes tipos de configuração tópica presentes no *corpus* em termos de número de SbTs mínimos e QTs, como a existência de cartas com um, dois, três ou quatro SbTs etc. Paralelamente, o recurso quantitativo é utilizado para somatório das ocorrências de cada tipo e cálculo das respectivas frequências percentuais. Em seguida, o estudo envolve interpretar o que os dados, qualitativos e quantitativos, podem estar conjuntamente indicando sobre a possível trajetória *carta > editorial*.

A importância da análise qualitativa no estudo em tela (e na linguística textual em geral) parece inequívoca e evidente. Ao contrário, merece especial reconhecimento, a nosso ver, a relevância dos dados quantitativos, como é o caso daqueles que indicam a compatibilidade de continuidade diacrônica entre cartas e editoriais. Por exemplo, é, de fato, crucial a constatação qualitativa de que as cartas contêm de um a quatro SbTs mínimos e os editoriais, similarmente, de um a cinco. É um resultado elementar, o qual atesta que cartas e editoriais têm algum aspecto em comum, podendo ter formado uma cadeia diacrônica. Porém, tal constatação não releva particularidades de cada tipo de texto. Com base só no dado qualitativo sobre número de SbTs, cartas e editoriais poderiam parecer um mesmo tipo de texto, pela semelhança compartilhada. Por sua vez, as informações quantitativas mostram que os textos comparados, dentro do espaço de semelhança que compartilham, exibem *diferença complementar* entre si, podendo ser vistos como um encadeamento diacrônico. É o que se pode depreender, por exemplo, quando, embora cartas e editoriais similarmente tenham de um a quatro/cinco SbTs, a *maioria* das cartas tem *um ou dois* SbTs, enquanto a *maioria* dos editoriais em 19-2, 20-1 e 20-2 tem *dois ou três, três ou quatro e quatro ou cinco* SbTs, o que é compatível com um encaixamento diacrônico entre cartas e editoriais, num processo regularmente gradual de ganho de complexidade.

Ao utilizar análise quantitativa, incorporando-a à qualitativa, a ADT, como mencionado, filia-se a uma tendência recente, nos estudos do texto/discurso, de integrar as duas análises. A prática pode ser tomada como um passo relevante, pois, no campo do texto/discurso, segundo Bentes, Palumbo e Aquino (2021, p. 12), a pesquisa qualitativa foi eleita como “abordagem predominante ao longo de todo o século XX, tendo sido quase proibitivo empregar metodologia que adotasse uma abordagem quantitativa na Linguística Textual [...] por exemplo”. Em particular, a ADT prevê uma real integração qualiquantitativa, visando extrair, de dados numéricos, interpretações significativas para a descrição diacrônica do texto, o que se nota no estudo aqui relatado, no qual os índices percentuais são

todos aproveitados para reforçar a ideia de continuidade diacrônica entre cartas e editoriais e para indicar como essa transição teria ocorrido. Assim, pode-se dizer que a ADT procura atender a uma condição fundamental, destacada por Bentes, Palumbo e Aquino (2021, p. 12), do uso apropriado de recursos quantitativos: “não se trata de proceder a uma mera contagem de ocorrências, mas sim de buscar de que modo essa contagem pode significar algo no processamento textual-discursivo”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo comparou cartas de redator paulistas do século XIX e editoriais paulistas publicados do século XIX ao XXI, observando o número de SbTs mínimos e QTs por texto. Os resultados reforçam e especificam a hipótese de que a carta faria parte da origem do editorial, mostrando que: 1. ambos os textos, de forma similar entre si, incluem configurações que têm de um a quatro/cinco SbTs e envolvem, exclusiva ou predominantemente, um QT, indicando que essas configurações poderiam ocorrer nos editoriais por alguma influência das cartas; 2. existe compatibilidade de continuidade diacrônica entre cartas e editoriais, já que (a) um quantitativo minoritário de editoriais com unicidade tópica situa-se na sincronia mais próxima das cartas, nas quais prevalece justamente a unicidade, e (b) boa parte da diacronia dos editoriais segue uma trajetória de aumento de complexidade em número de SbTs, na qual se encaixam os dados das cartas, constatação com a qual se alinham também os resultados sobre QTs.

Naturalmente, o artigo faz um recorte da abrangência potencial da temática em questão. O trabalho concentra-se em dois elementos da organização tópica, podendo ser expandido para outros, o que renderia diversas pesquisas, cujos resultados, reunidos aos aqui registrados, forneceriam descrições cada vez mais completas sobre a sequência *carta > editorial*. Da mesma forma, o trabalho delimita-se à configuração formal da organização tópica. Na ADT, um estudo de caso completo prevê examinar também, como explicado, as funções do processo escolhido e a relação dele com o comportamento mais amplo do gênero, questões aqui vistas como objetos para investigações prospectivas. Por exemplo, a unicidade predominante nas cartas parece estar atrelada à finalidade de o jornal tratar com o público, sinteticamente, questões práticas de editoração, como na missiva em (2), que aborda incorreções nas publicações. Já editoriais manifestam um propósito de veicular, de forma mais complexa, a posição do jornal sobre questões mais gerais de ordem política, econômica, social, como em (1), tipo de discussão que, a nosso ver, estaria projetada na complexidade intertópica que marca os editoriais. Entre a carta e o editorial típicos, parece situar-se uma missiva como aquela em (3), que, embora aborde questões editoriais (SbT 3) como a carta típica, também discorre sobre assuntos de interesse mais geral (SbTs 1 e 2) em configuração intertópica, como o editorial típico. Para nós, missivas assim poderiam ter sido uma “inspiração” para o editorial, tipo de hipótese que relaciona, justamente, estrutura tópica, suas funções e a funcionalidade do gênero.

Além de discutir estudo de caso, o artigo fez reflexões teórico-analíticas sobre a prática qualiquantitativa da ADT, procurando ressaltar sua viabilidade e relevância. Assim, o trabalho procura oferecer subsídios para avaliação da abordagem, a exemplo de outras pesquisas que têm propiciado a análise de diferentes aspectos do modelo. Fontes (2018), descrevendo o processo textual de parente-

tização em editoriais paulistas, atesta vínculo entre o processo e a história dos editoriais, o que indica a pertinência do princípio da ADT de correlação entre os processos textuais e os gêneros. Guerra (2022), ao descrever a diacronia da organização tópica de cartas de leitor paulistas, esboça hipóteses gerais sobre a sistemática diacrônica da organização tópica, sinalizando a possibilidade de se chegar a generalizações desse tipo, o que constitui um dos objetivos da ADT. Nossa expectativa é que o artigo, como as pesquisas citadas, possa servir como forma de avaliar a abordagem e lhe propor aprimoramentos.

#### DIACHRONIC APPROACH TO TEXTS: CASE STUDY AND THEORETICAL DISCUSSION

**Abstract:** This paper is developed within the diachronic approach to texts, and it compares editor's letters written in the 19th century and editorials produced from the 19th to the 21st century, including letters and editorials published in São Paulo state. It focuses on topic organization, based on the hypothesis that editorials have originated mostly from these letters. The results reinforce the hypothesis and specify it regarding the topic elements under analysis. The article also offers theoretical discussion on the quali-quantitative orientation of the approach.

**Keywords:** Text linguistics. Text construction processes. Topic organization. Diachrony of texts. Cohesion.

#### REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, A. G.; LOPES, C. R. S. (org.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. New York: Longman, 1981.
- BENTES, A. C.; PALUMBO, R.; AQUINO, Z. Linguística textual, interação e cognição social: procedimentos metodológicos. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 15, n. 31, p. 10-29, 2021.
- CASTILHO, A. T. (org.). *História do português brasileiro: o português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto, 2018.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FONTES, M. G. Inserções parentéticas em editoriais paulistas do século XIX. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 389-420, 2018.
- GARCIA, A. G. *Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI*. 2018. 278 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

- GOMES, V. S. *Traços de mudanças e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. 2007. 313 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- GUERRA, A. R. A organização tópica em cartas de leitor paulistas. In: PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 38-67.
- HANISCH, C. V. *O processo de organização tópica em artigos de opinião de alunos da Universidade Federal do Acre*. 2019. 467 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.
- JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a. p. 27-36.
- JUBRAN, C. C. A. S. Revisitando a noção de tópico discursivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 1, p. 33-41, 2006b.
- JUBRAN, C. C. A. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006c. p. 89-132.
- JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CAS-TILHO, A. T. et al. (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007. p. 313-327.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado: níveis de análise linguística*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 341-377.
- KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (org.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Editora da Ufba, 2006. p. 505-527.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Aspectos da questão metodológica na análise verbal: o *continuum* quantitativo-qualitativo. *Revista da Aled*, v. 1, n. 1, p. 23-42, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- PENHAVEL, E. A organização tópica em editoriais paulistas. In: PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 68-101.
- PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. Abordagem diacrônica de processos de construção de textos. In: PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 17-37.

- PILAGALLO, O. *História da imprensa paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- PINHEIRO, C. L. *Estratégias textuais-interativas: a articulação tópica*. Maceió: Edufal, 2005.
- RISSE, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 427-496.
- SALES, S. *O percurso sócio-histórico de uma tradição discursiva: da carta ao editorial*. 2011. 274 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ZANIN, I. C. A. *O processo de organização tópica em cartas de redatores de jornais paulistas do século XIX*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.